A diversidade de cores da Parada LGBT em São Paulo

Algumas impressões etnográficas

Ana Caroline Bonfim Pereira, Calliandra Sousa Ramos e Ruan Coelho

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3123>

DOI: 10.4000/pontourbe.3123

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Ana Caroline Bonfim Pereira, Calliandra Sousa Ramos e Ruan Coelho, « A diversidade de cores da Parada LGBT em São Paulo », *Ponto Urbe* [Online], 18 | 2016, posto online no dia 31 julho 2016, consultado o 04 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3123> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3123

Este documento foi criado de forma automática no dia 4 Maio 2019.

© NAU

A diversidade de cores da Parada LGBT em São Paulo

Algumas impressões etnográficas

Ana Caroline Bonfim Pereira, Calliandra Sousa Ramos and Ruan Coelho

Introdução

- ¹ Este texto, realizado a partir do exercício de complementaridade entre os autores sugerido na disciplina de etnografias urbanas, vem a ser a junção dos relatos etnográficos obtidos durante a observação da Parada LGBT na cidade de São Paulo. Tal atividade é resultado da proposta de etnografias da disciplina mencionada, na qual perpassam questões sobre a atual conjuntura política do país, a partir de múltiplos olhares – e lugares- desse evento. Dessa forma, tentamos aqui reunir impressões e reflexões que se deram de formas diversas, percorrendo caminhos e interlocuções peculiares.
- Realizamos a etnografia a partir das observações na XX Parada LGBT¹, ocorrida no dia 29 de maio de 2016, na Avenida Paulista. Assim, privilegiamos eixos distintos de observação e reflexão, que posteriormente foram discutidos em conjunto: de um lado pautando as observações e reflexões através de conversas e entrevistas com o público de várias faixas etárias que participavam do evento; e por outro, tecendo o caminho da observação através de um interlocutor, no sentido de convergir o olhar do pesquisador e o do seu informante.
- As questões iniciais que nos nortearam foram: de que maneira a comunidade LGBT, reunida na parada, compreende a conjuntura atual da política brasileira, baseando na heterogeneidade deste movimento? Qual a posição política dos participantes da parada e qual a opinião sobre a retirada do nome social enquanto lei? Como esses grupos compreendem o debate sobre intolerância religiosa frente aos direitos dos homossexuais e transexuais?

Trios elétricos, grande público e diferentes vozes: 20 anos de Parada LGBT em São Paulo

- 4 No ano de 2016 a Parada LGBT de São Paulo completou 20 anos. Como destacou Marinalva, advogada de 45 anos, que se encolhia na multidão para ver os trios elétricos na calçada: *“Muito diferente de quando começou com algumas poucas pessoas”*. Com o tema *“Lei da identidade de gênero já – Todos juntos contra a transfobia”*, a parada destacou um dos debates mais recorrentes nas políticas LGBT atualmente: os projetos de lei que buscam facilitar a mudança de nome de travestis, mulheres transexuais e homens trans - que passaram a tramitar no Congresso Nacional através dos deputados Jean Willys (PSOL-RJ) e Érika Kokay (PT-DF).
- 5 Em todos os carros se viam faixas e banners padronizados com o tema, o que deu um certo aspecto uniforme a estes mesmos carros, que desta vez passaram por maior controle realizado pela comissão organizadora da parada. Por outro lado, um dos pontos mais instigantes da Parada LGBT refere-se a diversidade. Pessoas de diferentes idades, orientações sexuais, profissões e ocupações se reúnem ali, naquela festa multicolorida.
- 6 A Parada LGBT demonstra não somente a pluralidade expressada em cada letra que compõe a sigla, mas diferentes experiências da grande festa que se realiza em torno do orgulho LGBT. Dessa maneira, observamos públicos, movimentos sociais, expressões artísticas (performances, gêneros musicais, fantasias) que sugerem múltiplas demandas reunidas no mesmo local.
- 7 Havia em cada trio elétrico um tema específico, geralmente identificando algum dos movimentos sociais da causa LGBT, empresas patrocinadoras que apoiam o evento ou mesmo grupos artísticos que realizaram performances. Com suas músicas também diversas, os trios animavam a multidão na Avenida Paulista e arredores, sendo acompanhados durante o trajeto por aqueles que se identificavam com suas faixas, músicas e a representatividade composta em cada um deles.
- 8 Dentre esses trios estavam o Trio da Visibilidade Trans; Mães pela diversidade; Associação da parada do orgulho GLBT de São Paulo; Existe amor em SP; CUT- Central única dos trabalhadores; o Trio dos Professores APEOESP- Sindicato dos professores do ensino oficial de São Paulo; Trio Avassalador - que exibia a performance de Viviany Belebony vestida de Justiça carregando uma bíblia de dinheiro; ONG ABCDS- Ação Brotar pela cidadania e diversidade sexual; trio da Netflix com o elenco de Sense 8; o trio das mulheres lésbicas, Trio dos ursos, dos gogo boys e o Trio Skol Beats, composto por blogueiros e os chamados *digital influencers*. Cada um deles exibia faixas e banners com apelos políticos, frases divertidas e emblemáticas representando determinados grupos.

Figura 1

Figura 2

- 9 Um dos trios de maior repercussão nessa edição da Parada refere-se à parceria feita com a plataforma online de streaming Netflix - o trio que carregava o elenco da série Sense8, conhecida por ser uma trama com questões que abarcam vivências LGBT (Figura 1). Tal trio gozava de uma grande produção e durante percurso da parada foi gravada uma cena que dois personagens gays se beijavam enquanto tocava a trilha musical da série What's Going On do grupo americano 4 Non Blonde. No momento em que passava na Avenida Paulista, o trio foi acompanhado de fãs que estavam no entorno, muitos dos quais, emocionados, choravam ao ver os atores da série e faziam o gesto de coração com as mãos, além de mandarem beijos para os atores. O público nesse momento, em sua maioria, era composto de pessoas brancas e de classe média.

- 10 Passaram alguns trios e, em seguida, percorria o trio do funk, tocando funks antigos, como a *Dança da motinha* e *Glamourosa rainha do funk*, o público que acompanhava era em sua maioria de pessoas negras, pertencentes à periferia da cidade, em alguns pontos, as pessoas formavam grupos para fazer a coreografia dos funks e descer até chão, o chamado “Batekoo”, movimento performático negro de dança de rua com influências do funk, música pop e dance.
- 11 O trio dos professores, componentes do APEOESP- Sindicato dos professores do ensino oficial de São Paulo, era o trio com maior número de cartazes e que apresentava contestações diversas, como não reconhecimento ao governo atual, a inclusão de conteúdos que discutam gênero nas escolas, pedidos de CPI da merenda, luta contra LGBTfobia e cultura do estupro nas escolas (Figura 2).
- 12 Enquanto acompanhávamos o trio, por um lado, em um eixo de observação, passamos a conversar com o público sobre a importância daquele evento e sobre o atual cenário político no país, enquanto em outro seguia-se apenas um informante. As conversas e entrevistas apontaram para algumas questões, como o empoderamento e reivindicação de direitos, e quando os nossos interlocutores respondiam sobre o motivo para participação no evento a maioria dizia estar ali pela visibilidade da população LGBT e lutar por direitos.
- 13 Ao indagarmos por quais direitos estavam lutando, explicavam que eram por direitos no âmbito amplo, como direitos dos LGBT, ao direito das mulheres e feminismo, ao mesmo tempo, por direitos específicos como o reconhecimento legal e judicial dos direitos LGBT no Brasil, criminalização da homofobia e transfobia, aprovação de uma lei que garanta o casamento civil com a finalidade de que o Estado reconheça a legitimidade deste ato social, garantindo outros direitos decorrentes do casamento, como adoção de crianças por casais homoafetivos, direito a família e direito a herança. Notamos uma preocupação maior com a perda dos direitos conquistados, do que o desejo de lutar por novos, as pessoas comentavam os retrocessos nas leis e discussões sobre os direitos das mulheres e LGBT, pois acredita-se que a inquietação é reflexo dos retrocessos vividos no cenário político.
- 14 Em uma determinada altura da Paulista, caminhando com aquele que se tornou seu principal interlocutor - Alan, 26 anos, psicólogo, morador de São Paulo há pouco mais de dois anos -, Ruan ouve de seu informante que era a sua primeira vez na Parada. Que em seguida, pergunta o porquê de não ter vindo em outras edições. Ele respondeu que ir não era uma questão importante como é agora e que diante dessa situação política não poderíamos ficar em casa. Apontando para um trio, chama a sua atenção. E diz que acha que é o trio onde Viviany Beleboni deve estar. Notamos que na frente havia um faixa escrita: “Fora, Temer!”. Aos poucos começa-se a ouvir gritos de ordem: “Fora, Temer!”. O grito aumentava. Mais uma frase de ordem é puxada pela multidão: “Temer jamais!”. E antes o que era algumas pessoas gritando, tornou-se uma multidão dando corpo ao coro. O trio se aproxima. “É ela!”, fala Alan. Lá estava Viviany, na parte da frente do trio (Figura 3).

Figura 3

- 15 O protesto mostrava como a bancada evangélica no Congresso Nacional impede projetos de lei em prol da comunidade LGBT e da identidade de gênero, tema da Parada LGBT em 2016. A manifestação aconteceu frente a polêmica do projeto apresentado para suspender o direito de transexuais e travestis a usarem seu nome social nos órgãos da administração pública federal, direito concedido pelo governo Dilma Rousseff.
- 16 O tema da parada, como indicado anteriormente, focava na identidade de gênero e em todo percurso havia placas e cartazes com o emblema: “Lei de identidade de gênero já! Todas as pessoas contra a transfobia”. Entretanto, pouco se falava sobre o tema, de modo a não percebermos a identificação das pessoas com o tema geral da parada. Notando, contudo, muitos cartazes contra o presidente atual Michel Temer, os quais traziam frase como “FORA, TEMER; TEMER JAMAIS / AMAR SEM TEMER”, exibidos nos trios e nas mãos das pessoas que participavam nas ruas.
- 17 Conversamos com muitas pessoas sobre a atual conjuntura política e foi unânime a reprovação do atual governo, pois as narrativas expressavam descontentamento com a onda de intolerância religiosa, espalhada e incentivada com a mudança de governo. Um dos aspectos de maior expressão nesta edição da Parada refere-se ao combate à intolerância religiosa. Ainda que a principal alusão a este tema tenha sido a performance de Viviany Belebony, a receptividade do público quanto a mesma e algumas outras performances realizadas por aqueles que ali estavam presentes parecia refletir bastante este tema.
- 18 Além de fantasias que pareciam satirizar elementos conhecidos como religiosos (fantasias de freiras e padres com releitura erótica, bíblias com as cores do arco-íris), havia alguns jovens levantando cartazes com frases tais como: “Contra a bancada evangélica”, “Mais amor, menos intolerância”, “Jesus ama as gays” fazendo referência ao debate sobre intolerância religiosa. Em algumas das conversas com os participantes da Parada era possível compreender alguns discursos que variavam entre constatar a importância do

movimento LGBT na luta por direitos ou uma grande rejeição aos padrões impostos pelas igrejas neopentecostais representadas no congresso brasileiro.

- 19 “A religião é o ópio do povo. É essa bancada evangélica que tem tornado inviável alguns avanços no país, ainda mais se referindo à comunidade LGBT, às mulheres, aos negros”, comentou Lucas, de 21 anos, estudante de Serviço Social em Uberlândia, que conhecemos durante o percurso. Ele havia viajado para São Paulo exclusivamente para participar da Parada LGBT com outros amigos.
- 20 Algumas dessas falas e posicionamentos constatados sobretudo entre o público mais jovem, que possui acesso às universidades, vai de encontro aos debates políticos realizados a partir da militância LGBT em diversos âmbitos: movimentos sociais, movimentos estudantis, mídias alternativas e até mesmo no âmbito religioso, no caso das igrejas inclusivas, por exemplo.
- 21 Fazendo menção à presença de movimentos religiosos na Parada LGBT, notamos a presença de membros de igrejas evangélicas (com práticas inclusivas ou não inclusivas a comunidade LGBT) em alguns momentos do evento. Dentre estas, estava representada a Igreja Internacional da Graça de Deus, com alguns de seus fiéis levantando cartazes e placas metálicas com mensagens “positivas” de teor religioso: “Jesus ama você”, “abraços grátis”, “Deus ama todos os seus filhos”.
- 22 Em outro ponto da Paulista, havia membros de outra denominação que vestiam camisetas pretas pintadas com um coração vermelho ao centro, com o seguinte dizer: *Night 4 Jesus* (Noite para Jesus) referente a uma celebração pentecostal feita para jovens. Ao conversar com um dos membros deste movimento, Gabriel, 32 anos, ele nos conta da proposta da igreja da qual participa, considerada uma igreja “aberta a todas as pessoas que tenham fé, para todos os irmãos”. Ele também afirma que seu grupo não compactua com os embates entre “alguns grupos religiosos” e os grupos LGBT, pois, segundo ele: “O amor de Deus é universal, o que queremos é que todos sejam salvos”. O intuito desta congregação evangélica parece ser a divulgação da mesma e um convite a novos fiéis, aparentemente sem distinções, aberta a todos.
- 23 Por fim, muito se esperava da Parada LGBT como um movimento emparelhado às manifestações atuais em favor da democracia, o que de fato, em alguns momentos, parecia estar esquecido, como se vivêssemos um momento político harmonioso e tranquilo, já que a Avenida Paulista deu lugar a uma festa carregada de diversidade, cores e euforias. Essa impressão parece se justificar pelo fato de que exclusivamente este ano, a organização da Parada LGBT realizou um “crivo” entre os trios elétricos evitando cartazes e banners com teor político direcionado a representantes políticos que se opõem a determinadas questões relevantes aos militantes LGBT.
- 24 Além disso, fora proibido, de acordo com o site Folha-UOL², a veiculação e frases ofensivas e direcionadas a membros do governo, de uma maneira geral. De fato, isso não teve o efeito esperado, já que cartazes improvisados em folhas A4 foram feitos com frases tais como “Fora Temer”, “Não ao golpe no Brasil”, “A Favor da Democracia” presentes principalmente nos trios elétricos da CUT, dos professores e da Visibilidade Trans.
- 25 A atual conjuntura política do Brasil não passou despercebida nas falas das pessoas que ali circulavam. De um lado, víamos jovens na faixa dos 18 aos 27 anos afirmando suas insatisfações com o atual governo interino e com a ameaça à democracia tão discutida nestes tempos. Apesar de muitos destes se colocarem dentro de um “movimento de esquerda”, o que fica claro na observação das faixas de “Fora, Temer”, tantos outros

participantes da Parada pareciam não ter uma opinião articulada sobre o momento político atual.

- 26 Marinalva, advogada com a qual conversamos logo no início, nos falava que *“é preciso esperar, ver no que vai dar essa mudança de governo”* indicando que não acredita que as coisas possam continuar como estão, e que logo as eleições presidenciais dariam vez a uma possível reforma política. Do outro lado, na breve conversa com Sidney, o ambulante que ali estava vendendo bandeiras do Orgulho Gay afirma que *“antes achava que pior do que tá não fica e agora nem sei mais”*. Para ele, a alternância de poder parecia uma saída, mas hoje, diante de tantas notícias ruins, já não sabe em que “lado” confia. Esse posicionamento de desconfiança e desamparo parece ser comum entre a maioria das pessoas.
- 27 Diante destas pequenas trocas, observações e conversas informais que apreendemos nesta experiência de participação na Parada LGBT, compreendemos que apesar dos contrastes, distintos posicionamentos políticos, engajamentos sociais e das variadas performances que vão desde o teor libertário até o religioso, é possível perceber que de certa maneira e com os limites devidos, todos parecem convergir para um lugar comum: o da insatisfação com a política brasileira e suas tramas complexas.

Conclusão

- 28 A partir da experiência de observar e, ao mesmo tempo, ter a experiência da Parada LGBT considerando também o nosso lugar enquanto pesquisadores bem como o propósito de uma investigação muito emparelhada com as atuais questões políticas que permeiam novas discussões e entraves no âmbito social, compreendemos que o fazer etnográfico se desvenda ainda mais desafiador e dotado de múltiplos significados, sobretudo na forma em que as categorias pesquisador, participante, interlocutor se evidenciam, dialogam e muitas vezes se misturam. Aqui, tivemos a experiência do “de perto e de dentro” já discutida por antropólogos como José Guilherme Magnani (2002), levando em conta o nosso posicionamento dentro deste campo, enquanto lugar de construções da configuração política muito polissêmicas.
- 29 Sendo assim, a forma como se constroem as relações no ato político da manifestação; as relações com os mais diversos coletivos locais; a visibilidade de seus corpos - como a arte de se montar e expressar a “cultura gay”; e as territorialidades - predominantemente urbanas e atreladas às produções de sujeitos que caracterizam a modernidade contemporânea, foram aparecendo durante o percurso como aquilo que caracteriza a parada.
- 30 Há um modo de circulação característico dos sujeitos LGBT que transforma o espaço urbano durante a Parada com a ocupação desses locais, a disposição dos corpos na cidade e a maneira como as pessoas se expressam e as performances contidas na Parada. De modo a caracterizar-se distintivamente do que acontece no restante do ano demarcando o evento de maneira peculiar e visto como modo de resistência.
- 31 Em um contexto político mais frenético da história brasileira, na Parada LGBT 2016, o espaço da cidade modifica-se pela acentuação de temor de que o atual Governo representará retrocessos para os direitos LGBT, tornando-a em um espaço representativo. Assim, cidade e política, passam a ser apreendidas nas corporalidades LGBT, nas urbanidades paulistanas, construída por conjuntos de experiências pessoais, pelos circuitos, pelos contextos e ações. A territorialidade LGBT modifica o espaço público como

uma incursão da “região moral” na cidade, caracterizado pela circulação por espaços codificados por desejos e identidades diversas, formando todo um circuito realizado nos espaços públicos agora ocupados pela circulação de sujeitos que antes estavam restritos aos espaços privados. Tornando-se, desse modo, em um espaço representativo e de visibilidade.

- 32 O exercício que realizamos mostrou-se imerso em possibilidades, e em certo sentido complexo pelo fato de termos que trabalhar com uma festa/ evento no qual a sua principal característica é a diversidade. Suas nuances, fluxos e movimentos plurais nos possibilitou observar um pouco de cada grupo social e expressões que estão contidas no universo LGBT, sendo este heterogêneo e evidentemente amplo, constituindo-se assim da diversidade da qual já falamos. Nesse aspecto, é possível compreender que alguns pontos aqui se tornaram muito contundentes quando buscamos compreender de que maneira se articulam os participantes, transeuntes e militantes da Parada LGBT diante da conjuntura política no Brasil.
- 33 Dentre eles, percebemos um grande debate em torno das intolerâncias, em destaque a intolerância religiosa sendo representada pela bancada evangélica no Congresso Nacional e em discursos públicos de líderes de igrejas neopentecostais. Por outro lado, vê-se que o contexto religioso não está sendo evidenciado somente a partir deste recorte, mas também possui representatividade a partir das igrejas inclusivas, que se constituem como um contraponto a estes grupos ditos intolerantes. A maneira que a religião é vista pelos grupos sociais e indivíduos que participam do evento, ainda é de certa maneira vinculada a este primeiro grupo – os neopentecostais- mas debates e atividades outras são feitas durante a parada que revelam essa ligação entre o movimento LGBT e alguns grupos religiosos.
- 34 Essas observações constituem apenas um dos elementos de discussão política presente na Parada LGBT 2016. É possível considerar que para muitos daqueles que observamos, conversamos e pudemos ouvir, bem como as performances e apresentações realizadas, como a de Viviany Beleboni, a gravação da série Sense 8 e o show das drag queens ao final da Parada, no Vale do Anhangabaú, todas essas expressões demonstram que para aqueles que vivenciaram a parada, a maior forma de protesto e demonstração do descontentamento com a política está na liberdade de expressão que a Parada proporciona: seja referindo-se às mudanças no governo federal e todas as atuais transformações no setor econômico, educacional e cultural, seja na rejeição de uma bancada cristã-evangélica e a favor de um estado laico, há certa unanimidade entre aqueles que participam da festa no sentido de se expressarem livremente, fazendo daquele evento um lugar de reatualização de visões de mundo, posicionamentos políticos e laços afetivos, onde todas elas falam sobre aceitação, respeito, tolerância e representatividade, de maneiras que podem divergir ou convergir.

BIBLIOGRAPHY

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”.
Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 17, n. 49 – São Paulo, 2002

NOTES

1. O primeiro movimento a acontecer em torno de questões de orgulho LGBT e se configurar como uma Parada foi fruto da comemoração de aniversário da Rebelião de Stonewall – ocorrida em 1969 na cidade de Nova Iorque, quando homossexuais de bares locais enfrentaram a repressão policial. Hoje, a parada tem edições em diversas cidades do mundo, como São Francisco, Madrid, Nova Iorque, São Paulo etc. Em sua XXa. edição a Parada da cidade de São Paulo ocorre todos anos desde 1997.
 2. <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/05/1776004-parada-lgbt-tenta-evitar-protesto-em-trios-neste-domingo-na-av-paulista.shtml>
-

INDEX

Palavras-chave: LGBT, movimento social, São Paulo, sexualidades

AUTHORS

ANA CAROLINE BONFIM PEREIRA

Mestranda no Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social da USP.

CALLIANDRA SOUSA RAMOS

Mestranda no Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social da USP.

RUAN COELHO

Mestrando no Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social da UFSCar.